

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

## **AVALIAÇÃO DE HABILIDADE EM CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DE UMA TURMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Ana Paula Santos da Paz<sup>1</sup>; Lílian Miranda Bastos Pacheco<sup>2</sup> e Ana Bárbara dos Reis Ramos<sup>3</sup>**

1. Bolsista PIBID/CAPES, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [anapaula\\_dapaz@yahoo.com.br](mailto:anapaula_dapaz@yahoo.com.br)
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [dlp.ba@terra.com.br](mailto:dlp.ba@terra.com.br)
3. Bolsista PIBID/CAPES, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [annab\\_reis@hotmail.com](mailto:annab_reis@hotmail.com)

**Palavras-chave:** Consciência fonológica, Diagnóstico, Educação de Jovens e Adultos.

### **INTRODUÇÃO**

A alfabetização no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), segundo Oliveira & Paiva (2004), seguramente vem passando por intensas mudanças, não apenas quanto às práticas desenvolvidas para responder às exigências da sociedade, mas também quanto aos aspectos conceituais que, orientados por essas práticas, se reorganizam, ampliam e produzem novos sentidos.

Na maioria das vezes a prática educativa na EJA é trabalhada apenas no âmbito da decodificação do código escrito. Não levando em consideração aspectos da vida real dos sujeitos ali presente. Este fato que vem mudando com a quebra de paradigmas que tal modalidade vem sofrendo nos últimos anos, possibilitando que a EJA ganhe novos sentidos e contribua para a vida do seu público alvo, trabalhando também a alfabetização numa perspectiva de letramento, para que assim cause mais entusiasmo aos sujeitos envolvidos no processo.

Ser alfabetizado é ser incluído na sociedade, visto que a sociedade atual é “letrada”, nesse sentido, alfabetização é uma chave para inserção social de grupos um dia excluídos, não devendo ser trabalhada apenas como decodificação sem sentido objetivo na vida dos estudantes. Por isso, alfabetizar requer utilização da linguagem oral para o aprimoramento e aproximação da leitura e da escrita. (KALMAN, 2004)

Compreendendo a linguagem oral como facilitador do processo de alfabetização utiliza-se a consciência fonológica, que aumenta a auto-estima e faz com que jovens e adultos continuem motivados. Na visão da consciência fonológica, os aspectos do som das palavras são partes cruciais no processo da alfabetização. Desenvolvem a capacidade de prestar atenção à fala, analisando-a em seus diversos segmentos, a saber, fonemas, sílabas e palavras. Com efeito, é necessária a análise das partes das palavras, para que os sujeitos obtenham uma alfabetização com qualidade, podendo utilizar da sonorização para a percepção da escrita das palavras. (MALUF, 1997)

. O diagnóstico realizado em uma Escola Estadual indígena, localizada no Estado da Bahia, numa sala de segunda e terceira série do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos objetivou perceber o nível de consciência fonológica seguido dos níveis de leitura e escrita, procurando perceber a relação entre os mesmos.

Este diagnóstico é fruto do início do trabalho no Programa Institucional de Iniciação à docência (PIBID), do curso de Pedagogia, que busca melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Para o diagnóstico, foram utilizados os seguintes instrumentos: primeiro dia foi utilizado uma dinâmica de grupo que objetivava perceber o conhecimento

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

entre os colegas e também a escrita de um texto para percepção da linguagem escrita, com a presença de treze estudantes; no segundo dia foi trabalhado ditado do texto “um passeio no campo”, ditado de imagens (sendo as imagens: mão, menina, avião, pente, aranha, relógio, navio e xícara) e segmentação silábica utilizando o nome deles para segmentação, com presença de sete estudantes; e no terceiro dia foi realizada avaliação de leitura protocolada com o texto “poesia” de Carlos Drummond de Andrade, e atividades com rima e aliteração feitas através de lâminas com imagens (ex.: Garrafa – borboleta/ celular/ galinha → prancha de aliteração) (PATO – jacaré/brinco/gato→ prancha de rima), com presença de oito estudantes.

É sabido que assim como as crianças os jovens e adultos também passam por algumas etapas durante a aquisição da língua escrita e da leitura. Portanto, para embasar o estudo relativo ao diagnóstico utilizamos os seguintes teóricos: Lemle, 1995; Maluf,1997/ 2003; Oliveira, 2004; Soares, 2004.

Relatos de estudantes da sala diagnosticada revelam que voltar a estudar é um meio de resgatar sua cultura. O que prova que os estudantes não são tabulas rasas que vão para a escola se encher de conhecimento, e sim sujeitos que tem experiências a trocar, e que as mesmas podem ser usadas como instrumento para auxílio no processo educativo. Ou seja, estes sujeitos estão sendo alfabetizados, mas já são letrados, e durante a avaliação diagnóstica o desejo de proliferar sua cultura através do conhecimento obtido na escola foi algo que chamou bastante atenção por ter sido revelado nos textos pedidos durante a dinâmica de apresentação no primeiro dia.

Durante os três dias de avaliação diagnóstica, percebemos algumas dificuldades inerentes ao início do processo de alfabetização. No primeiro dia com a produção textual livre sobre cada pessoa foi preferido pela grande maioria desenhos ao invés da escrita, somente duas alunas fizeram textos escritos, sinalizando uma possível timidez por estarem diante de pessoas desconhecidas, ou por que os textos por eles escritos, no cotidiano, sejam cópias e não produções espontâneas o que os torna retraídos ao terem que produzir textos sem nenhuma referência escrita.

No segundo dia com o ditado do texto e de imagens é visível que eles ainda não atentaram para a variação na língua falada e a unidade na língua escrita. Eles apresentam alguns erros que segundo Lemle (1995), são considerados falhas de primeira, segunda e terceira ordem. As falhas de primeira ordem consistem na omissão de letras, já as de segunda ordem é a utilização da escrita como transcrição fonética da fala e as de terceira ordem trocas entre as letras concorrentes.

Como exemplos das falhas acima citadas podemos exemplificar a partir dos textos produzidos pelos estudantes: *batante* ao invés de bastante (falha de primeira ordem), *alegri* ao invés de alegre (falha de segunda ordem) e *Joze* ao invés de José (falha de terceira ordem) O que leva a crer que existem alunos em diversas fases do processo de alfabetização. Já na segmentação silábica não foi evidenciada nenhuma dificuldade, eles percebem que as palavras são constituídas de várias partes e quantas partes constituem as mesmas.

No terceiro dia a partir do trabalho de leitura protocolada não foi perceptível grandes erros o que leva a hipótese de que tais Jovens e Adultos trabalham mais a leitura em detrimento da produção textual, já nas lâminas de rima e aliteração a dificuldade era perceber no início a proposta da atividade, sendo que após o entendimento não houve maiores dificuldades.

Diante das avaliações diagnósticas e estudos teóricos realizados cada dificuldade vivenciada diante dos instrumentos avaliativos é fruto de pontos carentes que precisam ser trabalhados pelo professor em sala de aula, dentre eles temos: a escrita. Eles lêem com

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

facilidade, porém não tem propriedade na produção textual. Sendo a escrita espontânea um dos pontos que devem ser mais abordados para que os alunos comecem a perceber sua linguagem escrita, não ficando dependentes de textos reproduzidos, além de perceberem seus erros como perspectiva de novos acertos.

É visível que a dificuldade apresentada entre articulação da oralidade e escrita, se deve à falta de trabalho com consciência fonológica, por não conseguirem associar a unidade sonora à representação ortográfica no que tange a escrita das palavras, devendo ser trabalhado a discriminação de som e fala através do trabalho com rima e aliteração, canções que apresentem repetições silábicas, trava-línguas, parlendas, enfim atividades que servem para o aprimoramento de tais dificuldades.

## REFERÊNCIAS

- KALMAN, Judith. 2004. O acesso à cultura escrita: a participação social e a apropriação de conhecimentos em eventos cotidianos de leitura e escrita. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Inês. Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A.
- LEMLE, Miriam. 1995. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática.
- MALUF, Maria Regina; BARRERA, Sylvia Domingos. 2003. Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), PP. 491-502.
- MALUF, Maria Regina; BARRERA, Sylvia Domingos. 1997. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 10 n.1 Porto Alegre.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Inês. 2004. Educação de Jovens e Adultos. Rio de Janeiro: DP&A.
- SOARES, Magda. 2004. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica.